nhecimento e formação de pessoas: considerações históricas. In. Políticas Educativas. v.6, n.2. Porto Alegre, 2013, p. 145160.

PARO, Vitor H. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do Neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. São Paulo: Xamã, 1999, p. 101-120.

PENIN, Sonia T. Souza; VIEIRA, Sofia L. Refletindo sobre a função social da escola. In: VIEIRA, Sofia Lerche (org.). Gestão da escola: desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DPeA, 2002.

SANTOS, Luana R.; TONIOSSO, José P. A importância da relação escola-família. In. Caderno de Educação: Ensino e Sociedade. v.1, n.1. Bebedouro, SP, 2014, p. 122134.

SHIMAZAKI, Elsa M. Fundamentos da Educação Especial. 2007. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_elsa_ midori_shimazaki.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SILVA, Luciana S. G. GONÇALVES, Claudia G. O. Processo de diagnóstico da surdez em crianças na percepção de familiares e gestores. V. 18, n. 4. 2013, p. 293-302. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/acr/v18n4/10.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2018.

SILVA, Luis G. M. FERREIRA, Tarcísio J. O papel da escola e suas demandas sociais. In. Periódico Científico Projeção e Docência. v. 5, n. 2. 2014. Disponível em:

<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/viewFile/415/372>. Acesso em: 10 jan. 2018

SILVA, Marcos. Origens e desenvolvimento da escola moderna. 2012. Disponível em: <http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/16591914122012Historia_da_Educacao_Brasileira_Aula_2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

TENOR, Ana C. et al. A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva de professores de um município de São Paulo. In. Revista Distúrbio Comum. V. 21, n.1, 2009, p. 7-14.

A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE VIGENTE NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

ADRIANA JACOBUCCI RIBEIRO

RESUMO

Neste trabalho pretende - se mostrar o quanto a sociedade atual tem influenciado o ambiente escolar. Com o advento tecnológico e as redes de internet o conhecimento e as vivências são compartilhados de forma democrática com uma capacidade móvel e imediata produzindo certa autonomia de valores. Jovens e crianças são capazes de produzir conteúdo significativo na internet e o compartilhamento dessas informações proporcionam uma revolução de memória, mostrando que hoje é um dos grandes desafios de nossas instituições escolares, que anteriormente era detentora do saber e do conhecer. Mas, agora busca compreender seu papel transversal e transdisciplinar ao se deparar com uma sociedade em rede que socializa conteúdo.

Neste percurso a escola descobre que seu papel está interligado ao da instituição familiar e que juntas devem procurar superar os obstáculos a fim de propiciar uma formação cidadã, integradora do ser humano.

Para tal deve se investir em uma educação democrática, participativa e interativa, onde todos os atores são responsáveis pelo seu sucesso.

Palavras-chave: Educação, família, sociedade, democracia e formação.

INTRODUÇÃO

A sociedade vive em constante mudança, muda sua forma de pensar, agir e trabalhar. Neste contexto a sociedade modifica também as relações que ela própria estabelece com o trabalho, com a família, com a escola, enfim com outro.

Essas transformações influenciam gerações que as perpetuam ou ainda as modifica novamente. Gerando conflitos entre sociedade, escola, família e aluno.

A sociedade moderna em meio a mudanças complexas caminha para um futuro ainda incerto. Estamos em fase de transição, hoje o poder de influência, devido ao fácil acesso ao conhecimento, informações e redes sociais; é menos desigual, embora o poder financeiro seja ainda para uma minoria.

Neste trabalho venho problematizar a situação atual de nossa sociedade e enfatizar suas carências.

Estamos deixando de ser uma sociedade hierarquizada, onde um detêm o poder sobre todos ou sobre muitos, hoje de certa maneira através da acessibilidade ao conhecimento o poder é mais democrático. Os mais influentes estão deixando de ser os mais ricos, passando a serem os que têm melhores ideias, os que são engajados, criativos, bem formados, que sabem trabalhar em grupo, que têm boas soluções diante de conflitos entre outros. Necessitamos nos reinventar em meio a revolução digital.

Neste contexto é fundamental destacar a importância da família no desenvolvimento emocional, social e cultural da criança e repensar essa relação. Sabemos que atualmente a constituição da família mudou por influências históricas e sociais e que essa mudança causou transtornos no relacionamento de seus membros e consequentemente em nossas crianças. Como essas transformações afetaram o desenvolvimento de nossos alunos? Cabe aqui se perguntar qual o papel da escola para viabilizar o diálogo entre as famílias em seus próprios ciclos e os delas com a escola, permitindo o pleno desenvolvimento de nossos educandos?

A fim de responder estes questionamentos e entender melhor o meu trabalho como educadora nesta sociedade é que estabelece este estudo, que será realizado através de pesquisa bibliográfica.

A FAMÍLIA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Desde os tempos mais antigos, a família corresponde a um grupo social que exerce grande influência sobre a vida das pessoas, sendo observada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social amplificado com o qual mantém constante interação (Biasoli-Alves, 2004). O grupo familiar tem papel fundamental na formação do indiyíduo, já que é seu primeiro ambiente social. É nesse grupo que se aprende a socialização, valores morais, respeito e limites. Pode-se dizer, assim, que esta instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (Schenker & Minayo, 2003).

No seio familiar se ensina os limites da velha e nova geração, o aprendizado de cada uma delas e ainda se gera os conflitos que possam surgir entre as mesmas. Propiciando a adaptação do indivíduo a convivência em sociedade. Ao desempenhar suas funções, dentre as quais a socialização da criança, a família estabelece uma estrutura mínima de atividades e relações em que os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido, e outros são evidenciados. É por meio das interações familiares que se concretizam as transformações na sociedade e em seus segmentos, incluindo a escola.

A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

Não se pode negar que a estrutura familiar sofreu sérias modificações e que as mesmas provocam influências nas gerações futuras provenientes desse novo contexto. A família hoje não é somente formada por pai, mãe e filhos biológicos e irmãos consanguíneos, como era algumas décadas atrás. Ela se constitui de filhos e irmãos não biológicos, de mãe e filhos, avós e netos, casais homossexuais, casais separados e até irmãos e irmãos. Dependendo do que ocasionou sua estrutura.

Outro fator que se modificou é que o pai não é mais a figura "cabeça" da casa, pois as rédeas da família foram tomadas pelas mães, que se tornaram economicamente ativas e independentes. Essa independência feminina também trouxe um outro aspecto ao papel de pai, que diante da nova estrutura familiar aprendeu a participar mais da educação dos filhos. Estes fatores, entre outros, tiveram um impacto direto no âmbito familiar, contribuindo para o surgimento de novos arranjos que mudaram a "cara" dessa instituição (Biasoli-Alves, 2004; Scott, 2004). Estas transformações levaram ao surgimento de configurações da organização familiares diferentes do modelo tradicional.

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Desde a civilização egípcia carregamos um modelo de sociedade piramidal de poder, onde se crê que para haver ordem é necessário que haja o Um; Deus, rei, presidente, pai, professor, etc., onde tudo se estrutura em sua volta.

A Idade Média aliou a força da religião, do pensamento doutrinário, ao pensamento intelectual grego. A exaustão desse modelo trouxe a modernidade científica e filosófica que incentivou a liberdade e criatividade humana.

A euforia científica dos séculos XVIII e XIX, que nasceu da liberdade do pensamento com relação à religião e à fé, revolucionou as relações humanas e sociais, transformou a cidade e o campo. Surgiu então o capitalismo que gerou a classe de operários, a produção foi segmentada, setorizada, mas o poder continuou piramidal. Ao mesmo tempo, a linha de montagem, ao produzir a classe operária com suas imensas contradições, possibilitou o surgimento de um novo saber, o marxismo, que se configurou uma nova arma, capaz de derrubar estruturas cristalizadas, pois incentivava o desenvolvimento do pensamento e reflexão crítica dos mesmos sobre suas condições de vida. O século XX viu Estados se desfazerem e viu outros surgirem, viu uma guerra fria marcada antes de tudo pela consciência política. Mas o poder piramidal permanecia.

Foi somente com o surgimento da sociedade em rede, nascida do imenso investimento em conhecimento técnico (resultado do receio que tinham os que detinham o poder em investir em um ensino crítico e reflexivo em meio ao movimento marxista e comunista) que uma nova sociedade se impôs. O mais importante dessa nova sociedade, a sociedade do conhecimento, são as relações de poder transitórias e flexíveis, mudam de acordo com o surgimento de novos agenciamentos. Segundo a autora, "temos agora de elaborar novas questões para essa nova sociedade que emerge, ainda cambaleante, à nossa frente" (MOSÉ,2013).

O poder piramidal se garante por meio do medo, já a amplitude da rede estimula a ousadia. Essa liberdade em ousar precisa também ser trabalhada de maneira que não vire falta de limite. Há hoje também uma falta de valores, já que com o modelo anterior eles vinham prontos, precisamos aprender a criá-los.

Dentre outros desafios que precisamos aprender a lidar em nossa sociedade contemporânea a autora aponta: "produzir em vez de apenas memorizar conhecimento, criar em vez de apenas reproduzir valores, abrir novos mercados, em vez de apenas de enquadrar no existente, entre outros." (MOSÉ,2013)

Estamos vivendo uma transformação histórica, onde pessoas estão mais próximas, porém as desigualdades econômicas ainda se mantêm o que gerou um grande caos social e aumento da violência.

"Vivemos uma transição, temos um pé no futuro e outro na barbárie." MOSÉ, Viviane (a Escola e os Desafios Contemporâneos, pág. 32).Ou seja, tivemos um grande desenvolvimento tecnológico, mas, ao mesmo tempo, houve uma cada vez mais alarmante imaturidade política e social.

Vivemos mal, guiados pelo consumismo e em busca de prazeres imediatos que acarretam fragilidades da vida, das relações e até mesmo do planeta.

Em meio à história da sociedade se deu a história da educação, também marcada por desigualdades e exclusão, visto que era para poucos e esses poucos detinham o poder. Hoje, já que ter o maior número de carros e sapatos não é mais sinônimo de poder, a educação, enquanto formadora intelectual e cultural é o principal fato que definirá a exclusão ou a inclusão social, visto que ter maior acesso à informação não a garantem por si só.

"Ousaria mesmo dizer que a exclusão do saber, do conhecimento, é a raiz de toda a exclusão. É especialmente em função disso que precisamos de uma nova escola. Precisamos na verdade, nos recusar a ser o que somos e repensar o tipo de individualidade que nos foi imposto durante tantos séculos, a subjetividade do sim ou do não, do certo e do errado, do bonito e do feio. É promover novas formas de lidar com a vida".

MOSÉ, Viviane (a Escola e os Desafios Contemporâneos, pág. 45)

Nossas escolas precisam ser repensadas de acordo com o tipo de sociedade que se tem e que se espera ter. Não há mais sentindo continuar reproduzindo um modelo que já não dá conta de tanta complexidade existente em nossa sociedade.

Esse novo pensar precisa de urgência, visto que nossa sociedade necessita de mecanismos capazes de diminuir os abismos entre as classes e entre os povos, a fim de garantir a sobrevivência humana no planeta.

A ESCOLA E A FORMAÇÃO CIDADÃ

O papel da escola é ajudar na formação ética de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, para tal temos que nos ater na formação instrucional e também na formação de valores, requisito essencial para a formação de um cidadão pleno e responsável.

Mas como a instituição escolar se porta diante desse papel? Será que ela o contempla? Segundo estudiosos a escola tem dois objetivos atualmente são a instrução e a formação ética, estes objetivos são indissociáveis, caminham juntos para uma formação de qualidade, que reflita nas ações de cidadania. A instrução se refere aos conhecimentos históricos adquiridos repassados em disciplinas como história, geografia, matemática, física, estudo da língua, entre outros. A formação ética é, segundo Araújo (2003), o desenvolvimento de aspectos que permitam aos jovens e crianças ter condições físicas, psíquicas, cognitivas e culturais de terem uma vida digna, saudável e participativa na vida política e pública de uma sociedade com criticidade e autonomia. Em paralelo à instrução, portanto, um dos objetivos da educação é desenvolver condições para que crianças e jovens participem da vida em sociedade de forma crítica e autônoma, mas o que ocorre com frequência no dia - a - dia da escola é uma preocupação maior com a instrução.

A formação para o desenvolvimento humano acaba ficando em segundo plano. Pressupondo que os dois objetivos centrais da educação – a instrução e a formação para a cidadania – são indissociáveis. Podemos dizer que o papel da escola não implica somente no aprendizado dos conteúdos curriculares, mas também no desenvolvimento das condições físicas, psíquicas, cognitivas e culturais imprescindíveis para que crianças e jovens tenham uma vida digna e saudável.

Discutir acerca dos objetivos da educação é rever o comportamento escolar diante deles e o interesse dos profissionais da educação em transformar a escola e a sociedade de maneira geral.

O ato educativo deve ser um processo dialógico visando a transformação social combatendo assim a reprodução de um sistema excludente, o qual é disfarçado pela exploração do trabalho (capital). Neste sentido, Luckesi (1994), entende que:

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteadores de sua prática (p.30).

Para tanto a instituição deve desenvolver práticas pedagógicas que levem os educandos analisar, criticar e atuar sobre sua realidade. Trazendo para o ambiente escolar a discussão sobre o que rege a sociedade atual e os valores nela inerentes e praticados, sem deixar de lado a participação da família para que se alcance tal objetivo.

EDUCAÇÃO EM VALORES

Quando falamos de educação em valores, geralmente associamos este feito a família, esquecendo que diante das transformações sociais, a escola tem papel fundamental na formação de valores, já que boa parte do tempo da criança e do adolescente é vivenciada no ambiente escolar e esse ambiente promove interações que comportam valores críticos, éticos e morais.

O processo de formação dos valores é complexo e demanda o desenvolvimento de aspectos sociais, culturais, psíquicos, políticos, afetivos, entre outros. Em tempos difíceis, de violência, indisciplina e falta de perspectiva para a juventude, a noção de valores adquire proporções enormes e diante disso é que a escola deve se comprometer com a educação em valores. Cabe aqui, portanto, uma nova postura da instituição educacional, deixando para trás concepções tradicionais da educação.

Compreender o que são valores e como cada um e todos os seres humanos se apropriam da cultura e se inserem eticamente no mundo faz parte do rol de preocupações daqueles interessados em estudar o citado binômio [educação e valores] e suas possíveis relações. Afinal, os valores seriam inatos, herdados geneticamente, transmitidos pela cultura ou resultariam de interações complexas entre as pessoas e o mundo/cultura em que elas vivem? (ARANTES, 2007, p. 9).

Para a citada autora, a escola precisa reconhecer que o processo da educação em valores é um complexo constituído de diferentes aspectos – sociais, culturais, psíquicos, políticos etc. – e suas relações mútuas. Isso quer dizer que para educar em valores precisamos levar em consideração não apenas a cultura e a sociedade, mas também as características inerentes ao sujeito como por exemplo os sentimentos.

Assim, podemos dizer que os valores não estão predeterminados geneticamente ao índividuo quando nascem e nem são internalizados de fora para dentro e sim são o resultado das ações do sujeito no mundo em que vive, e por isso podem ser exercitadas na escola.

Puig (ARANTES, 2007, p.110) também pode nos ajudar a entender o que são valores e sua importância para os processos de formação crítica do sujeito:

Ter valores significa possuir um conjunto de hábitos de reflexão. Ter comportamentos desejáveis que assumimos não apenas por tê-los aprendido, que seria apenas um hábito mecânico, mas porque temos a convicção de que devemos manifestá-los. Os valores são hábitos que aprendemos –comportamentos que podemos repetir –, mas que, além disso, tornamos nossos, considerando e avaliando – refletindo – as motivações que nos são oferecidas pelas emoções e pelas razões. P (ARANTES, 2007).

Acreditamos que é sobre esse processo que a escola deve intervir intencionalmente, com o objetivo de formar pessoas capazes de almejarem uma vida mais digna para todos os seres humanos.

A AUTONOMIA DA ESCOLA

Autonomia da unidade escolar se expressa na construção coletiva de um Projeto Político-Pedagógico que esteja de acordo com a realidade da escola, que contemple o projeto de educação construído pela comunidade, em conformidade com as normas estabelecidas pela legislação vigente.

A autonomia deverá melhorar o trabalho da gestão escolar por meio de práticas descentralizadas , que permite a participação da comunidade interna e externa da escola no trabalho adminisrativo, nas decisões do projeto pedagógico da escola. A transformação histórica da realidade escolar, se concretiza pela cooperação, o espírito cívico.

Se observa, que vários setores internos das escolas discursam sobre uma prática de autonomia, mas na realidade são contra a participação da comunidade educacional. Conforme aponta Peroni (2003), a "[...] autonomia defendida por vários setores da comunidade educacional, a defesa de maior participação e controle social na gestão da educação", se dá pela responsabilidade de todos os atores envolvidos em prol de projetos totalizadores e solidários (p. 103).

Sobre o atual sistema vertical, hierárquico que ainda existe nas instituições escolares o autor discursa:

Diante da atual organização formal da escola pública, podemos constatar o caráter hierárquico da distribuição da autoridade, que visa a estabelece relações verticais, de mando e submissão, em prejuízo de relações horizontais, favoráveis ao envolvimento democrático e participativo. Além disso, o diretor aparece, diante do Estado, como responsável último pelo funcionamento da escola, diante dos usuários e do pessoal escolar, como autoridade máxima. Assim, tendo de fato que prestar contas apenas ao Estado ou município, acaba, independentemente de sua vontade, servindo de preposto deste diante da escola e da comunidade. Por sua vez, a existência de mecanismos de ação coletiva como a Associação de Pais e Mestres e o Conselho de Escola, que